



cosmonucleação regenerativa e encantamento no manejo
de territórios tradicionais em pernambuco

saberes das mãos



parteiras plantas capoeiras

terceiro caderno

chã
2022



*Este caderno é dedicado à minha mãe Djanira, que
me ensinou a cuidar com mãos firmes e serenas*

(Helena Tenderini)

PRIMEIRA PARTE

COSMONUCLEAÇÃO REGENERATIVA E ENCANTAMENTO
NO MANEJO DE TERRITÓRIOS TRADICIONAIS EM PERNAMBUCO

APRESENTAÇÃO INSTITUCIONAL
VIVER, SABER E ENCANTAR 09

O PROJETO
TECER, FAZER E SABER 14

NOTA DAS EDITORAS
ESCUTAS, COLHEITAS E PARTILHAS 21

INTERLÚDIO
DESLOCAMENTOS E ENCANTAMENTOS:
UM CONVITE À LEITURA 25

SEGUNDA PARTE

SABERES DAS MÃOS: PARTEIRAS, PLANTAS, CAPOEIRAS

PARTEJAR, CUIDAR E CURAR
FAZER COM AS MÃOS - AUTOCUIDADO E CURA 35
VITÓRIA E PÉROLLA 41
APRENDER O CUIDADO - CONVERSA
ENTRE GERAÇÕES 45

A MEDICINA QUE VEM DO CORPO 48

QUANDO A COBRA MORDE O RABO
POEIRA E TUDO MAIS SOBRE CAPOEIRA 54

MATO DE COMER, MATO DE CURAR 62

FLOR DAS ÁGUAS
SABERES DAS MÃOS 67

ENSAIO FOTOGRÁFICO 70

ORAÇÃO QUE É MÚSICA 122

REFERÊNCIAS 138

CRÉDITOS 141

primeira parte

cosmonucleação regenerativa e encantamento no manejo de territórios tradicionais em pernambuco



APRESENTAÇÃO INSTITUCIONAL

viver, saber e encantar

DRA LOUISA ACCIARI

*Coordenadora Global de Redes – GRRIPP
University College London*

O projeto GRRIPP (Resiliência Responsiva ao Gênero e Interseccionalidade na Política e na Prática), sediado na Universidade de Londres (UCL), tem por objetivo construir ou fortalecer redes entre acadêmicos, ativistas e gestores públicos, para repensar o gênero a partir dos saberes e experiências do dito ‘Sul’ global. Através de financiamento de projetos na América Latina, África e Ásia do Sul, buscamos encontrar e divulgar vozes, rostos e conhecimentos plurais que possam desafiar os quadros dominantes, colocando o gênero e a interseccionalidade no centro do debate.

O GRRIPP não trata apenas de iniciativas inovadoras de pesquisa e desenvolvimento, mas também propõe repensar métodos e formas de trabalho; estamos comprometidos em liderar o projeto de forma feminista e guiados por uma abordagem decolonial, ou seja, uma avaliação crítica das relações de poder entre e dentro dos países, comunidades e relações sociais em geral. Nossa estrutura de gestão é horizontal, e todos os parceiros do projeto seguem um código de conduta que garante um ambiente de trabalho aberto, justo e seguro. Com essa mudança de foco e métodos, esperamos poder contribuir para renovar a teoria e implementar melhores políticas e práticas nas áreas de redução de risco de desastres, ação de mudança climática e desenvolvimento, que sejam sensíveis ao gênero.

Nesse sentido, demos total autonomia aos nossos parceiros

na África, América Latina e sul da Ásia para decidirem suas linhas de ações e os tipos de projetos que queriam apoiar. O edital para a região América Latina e Caribe abriu em maio de 2021, com o tema “Gestão territorial, Gênero e Cuidado”, e foi coordenado pela equipe local, sediada na Pontificia Universidad Católica del Perú (PUCP). A interpretação das temáticas, assim como o tipo de atividades a serem realizadas, foi deixada a livre apreciação dos grupos interessados. O objetivo era aprender com eles, a partir de suas experiências e conhecimentos.

É nesse contexto que fomos apresentados com o projeto “Cosmonucleação Regenerativa e Encantamento no Manejo de Territórios Tradicionais em Pernambuco”, que reúne três comunidades em três territórios Pernambucanos em torno da questão do cuidado da terra, da alimentação e dos saberes ancestrais. A proposta nos encantou imediatamente, e usamos a propósito a palavra encantar, tão central a esse projeto. A partir de construções físicas, de cozinha, de uma casa de produção de remédios fitoelaborados e de uma casa de atendimentos e beneficiamento de alimentos e remédios, seriam potencializadas ações e reflexões em torno do Bem Viver, do cuidado com a terra e com os espíritos. Esse projeto traz formas ancestrais de viver, conhecer e se relacionar, absolutamente necessárias para repensar o mundo atual.

E quem diz cuidado, diz mulher e relações de gênero. São elas as principais detentoras dos conhecimentos de preparo dos alimentos e plantas de cura, assim como dos cuidados, cultivos e coletas. O projeto “Cosmonucleação Regenerativa” confirma a centralidade do que várias feministas chamaram de reprodução social, que são todas as atividades - visíveis e invisíveis - necessárias a reprodução do ser humano, tais como manutenção dos espaços, cozinha, cuidado com as pessoas. Historicamente, e através das mais variadas formas de sociedade, essas tarefas têm sido atribuídas às mulheres, e continuam sendo vistas como atividades femininas. A mulher, mãe e esposa, é quem que cuida dos outros. Tanto que no seu relato, Bella Xukuru, protagonista de destaque desse projeto, nos ensina: “Aqui no terreiro a gente é homem e mulher, até o marido vai cozinhar”. Ou seja, a cozinha é associado ao feminino.

Um papel predeterminado de gênero, mas também a fonte da sabedoria e do lugar social imprescindível da mulher. Ela detém uns dos conhecimentos mais essenciais para a reprodução da sua comunidade: a alimentação.

A partir daí, entendemos a importância dos espaços físicos que foram construídos com o recurso do GRRIPP, essas estruturas permitem relações, conexões, trabalhos espirituais e de cuidados. Uma ligação entre o material e o imaterial. Entre a Natureza e o ser humano. Nos relatos aqui transcritos, a Natureza aparece em vários momentos como protagonista, acima de todos, mãe-terra, fonte de sabedoria e de vida. Salienta-se a importância de cuidar de suas raízes, como ser humano e como povo, e de plantar sementes... é isso que esperamos ter alcançado com esse projeto, um início, uma semente que ainda vai render muitos frutos e muitos sonhos.

Às vezes parece que no atual contexto de crise permanente, destruição e morte, sonhar se tornou um luxo. Mas o projeto “Cosmonucleação Regenerativa” nos fez sonhar. Nos fez imaginar outras formas de viver, saber e sentir. Seria possível levar algumas dessas sementes de volta para os centros urbanos e para o ‘Norte’ global? Reencantar nossos cotidianos pautados pelo neoliberalismo e a competição permanente entre os seres humanos? Imaginar que o papel tão importante de cuidadoras desempenhado pelas mulheres seja fonte de sua força e não de sua exploração?

Num momento em que palavra ‘sustentável’ se tornou pauta incontornável em qualquer discussão sobre desenvolvimento, ouvir as vozes dos povos tradicionais é essencial. A crise pandêmica da Covid-19 mostrou os limites do modelo atual de desenvolvimento, que levaram à crise dos cuidados, da saúde e da alimentação, destruindo o meio ambiente e amplificando as desigualdades raciais, sociais e de gênero. Enquanto isso, comunidades indígenas e afrodescendentes, como as desse projeto, estão lutando há mais de 500 anos para poder existir e manter formas de vida, que são, elas, realmente sustentáveis. São comunidades que sabem ouvir a natureza e viver de acordo com a terra. Uma parte da solução para os desafios globais que estamos enfrentando, sem dúvida, se encontra aqui.

O projeto exposto nesse caderno traz uma lição de saber viver e saber produzir. Nas comunidades aqui apresentadas, a preservação do meio ambiente está no centro de qualquer atividade. As mulheres sábias conhecem as plantas para curar o corpo e a alma. As cozinheiras usam alimentos saudáveis e produzidos localmente. O cultivo de plantas nativas da região favorece a biodiversidade e a segurança alimentar. Comer bem, alimentos de qualidade e com prazer, é um direito nosso. Ser cuidado e cuidar dos outros, é um ato de resistência. Ouvir a Natureza e seus espíritos é necessário à nossa sobrevivência.

O PROJETO

tecer, fazer e saber

MARÍLIA NEPOMUCENO PINHEIRO

Responsável técnica pelo projeto Cosmonucleação Regenerativa e Encantamento no Manejo de Territórios Tradicionais em Pernambuco. Mestranda em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco.

Em meio a um grande cenário global de emergências, entre Outubro de 2021 a Março de 2022, construímos no chamado “Sul” do mundo, ou melhor, “Sul do sul do sul do mundo”, dentro dos territórios rurais e tradicionais de Pernambuco - Estado Nordeste do país Brasil - situado na América Latina, grandes construções físicas e subjetivas dentro do espectro do projeto fomentado pela rede GRRIPP intitulado de Cosmonucleação Regenerativa e Encantamento no Manejo de Territórios Tradicionais em Pernambuco.

Um dos grandes focos de nossas ações no projeto foi dar vida as três obras do que podemos chamar de construções de uma arquitetura para o cuidado. Seja o cuidado do corpo físico ou subjetivo que nos faz vivos em nossas comunidades, que foi potencializado com as construções; ou o cuidado que foi pautado em múltiplas dimensões: no método, técnica e material usado nas construções, feitos a partir do ambiente local; seja no manejo e partilhas dos saberes advindos de cada território; ou seja nos usos dos espaços construídos que servirão para atividades e ações de acolhimento, debates, atendimentos em saúde comunitária e curas. Essas construções são: uma Cozinha Ritual Xukuru (Território Indígena Xukuru, na Aldeia do Caxo da Boa Vista), uma Casa de

Atendimento e Produção de Remédios Fitoelaborados (Zona da Mata Norte de Pernambuco, no Sítio Malokambo, situado na cidade de Tracunhaém) e uma Casa de Vivências, Atendimentos, Benzos, Curas e Beneficiamento de Alimentos e Remédios (Serra dos Paus Dóias, Sertão e Chapada do Araripe, situada na cidade de Exu).

Além destas três construções físicas, o projeto GRRIPP Cosmonucleação Regenerativa e Encantamento proporcionou momentos de vivências e oficinas presenciais com troca de saberes de enorme importância. Durante o processo imersivo e de execução do projeto tratamos de uma infinidade de temas e questões que atravessam e unem os três territórios fortalecidos pelo projeto. Entre todas as nossas ações, foi possível vivenciar os saberes locais e as concepções específicas de cada território junto às reflexões sobre o que no mundo global é nomeado interseccionalidade e perspectivas não-coloniais, contra-coloniais ou decoloniais, enquanto maneávamos informações, indicadores sociais complexos, narrativas, ações e materiais transdimensionais envolvendo as realidades econômicas, ambientais e sociais articuladas com as desigualdades de raça, classe e gênero que estruturam as comunidades deste projeto no estado de Pernambuco.

Além disso, foi possível entender a necessidade das construções como ponto físico de apoio, segurança e acolhimento para as mulheres protagonistas da comunidade poderem manejar suas sabedorias e fazeres de cuidado e cura, e, por conseguinte, sua comunidade também; Foi possível evidenciar as confluências entre os saberes e fazeres de cuidado e bem viver praticados por comunidades indígenas, negras e rurais do Estado de Pernambuco; Foi possível identificar, conhecer, e narrar sobre as plantas poderosas de cada um dos territórios, entendendo seus usos e potencialidades de cura tanto no universo dos alimentos, da cozinha, como no universo da produção de remédios fitoelaborados; Foi possível perceber a necessidade de fortalecimento, visibilização e escancarada sabedoria das mulheres produtoras e agriculturas de subsistência do mundo, que são também tecelãs de nossas memórias enquanto povo e comunidade; Além de perceber o diálogo e a passagem do conhecimento popular e tradicional no manejo de todas as

dimensões da vida cotidiana, desde técnicas de construção de casas à técnicas de percepção do mundo e da relação com o outro, entre plantas, animais, humanos, famílias e gerações.

Todo este processo foi inicialmente organizado com ênfase para os momentos de escuta e troca de saberes sobre as experiências vividas no projeto. Cada coordenadora territorial reuniu pessoas importantes de seu entorno, detentores/as de saberes e práticas populares e tradicionais de cuidado e cura, para partilhar sobre os seus modos de vida, suas práticas em torno do alimento, da comida, das plantas sagradas, das rezas e das curas. Em meio às ações instaurou-se a percepção acentuada da demanda por registro daqueles saberes pautados coletivamente, e mantidos pela oralidade. Foi então que uma equipe editorial já integrada ao projeto foi estabelecida e ficou com a tarefa e responsabilidade de condensar dentro de uma publicação escrita um pouco do que foi vivenciado no projeto como um todo. A posteriori, a equipe responsável pela construção do material editorial do projeto reuniu materiais advindos de cada território e comunidade, em interlocução com as atividades de execução das construções, muito atentas à potencialidade e diversidade de saberes das pessoas que estavam presentes nas atividades do projeto. Nestes momentos foram vivenciadas oficinas de técnicas de bioconstrução, oficina de feitiço de tijolos tradicionais, oficinas de produção de remédios fitoelaborados, oficinas de construção de tecnologia social de re-uso de águas, construção de ferramentas para captação de águas das chuvas, plantio de mudas e oficinas de destilação de óleos e hidrolatos vegetais, por exemplo.

Para cada uma dessas construções e imersões, fomentadas pelo GRRIPP, desenvolvemos ilustrações, mapas lúdicos, compartilhamos receitas e registramos momentos através de fotografias que podem ser vistas ao longo desta publicação dividida em três cadernos.

Por fim, para dar conta da magnitude do vivido neste projeto, diante das imersões e construções nos três territórios enfocados pela Cosmonucleação Regenerativa e Encantamento, podemos perceber e potencializar o contínuo Reencantamento do Mundo. Muito próximo ao que Silvia Federici (2022) em sua obra “Reencantando o

Mundo: Feminismo e a Política dos Comuns” aponta sobre a vida e a política dos comuns, já que, afinal de contas, nosso território é um profundo poço de saberes vivos entre nossos Brasis, como bem nos diz estas mulheres e projeto.

Alargando os nossos horizontes e nos convidando a perceber as agricultoras da subsistência do mundo, ou as tecelãs da memória, somos todas convidadas a olhar, ou nos reencantar, para a política do que no Brasil chamamos de povo, a política da comunidade, e os saberes e fazeres que detém as mulheres e os comuns em cada um dos territórios cosmonucleados e em regeneração que protagonizam este projeto.

Olhar, pensar, ouvir, conversar ou (en)cantar em coro, ou em coletivo, sobre as estratégias que devemos nos munir, não para remontar o passado e sim para reencantar e reconstruir o futuro, desemboca na mola propulsora que tece esta publicação e seu desejo de salvaguardar nossos saberes e práticas tradicionais de cura e cuidado, entre nós e o ambiente, enquanto estratégia de reencantamento coletivo do mundo. E assim torna-se ferramenta poderosa da ciência de um poço coletivo, popular e profundo, como conta Maria Silvanete Lermen:

“Eu sempre digo que quem faz a nossa história somos nós, desde que a gente conte, que a gente registre. Nós precisamos registrar isso. Por isso que eu estou aqui, agradecendo a vocês por estarem nesse espaço socializando. E aqui são os meninos e as meninas que vão estar nos ajudando a fazer esse relato. Na verdade, nós vamos contando pra elas, e elas vão escrevendo, já que a gente não tem essa habilidade tão boa de escrever com uma facilidade maior. Então, eu gostaria que cada uma de vocês dissesse o nome, quantos filhos tem e se pudesse quantos anos mora aqui, então isso é muito interessante para elas poderem saber que somos filhas daqui mesmo.

Porque falar dos Paus Dóias (comunidade da Serra dos Paus Dóias) é dizer que aqui nós temos um berço de saberes ancestrais muito profundo, que muitas vezes nós que estamos aqui nem nos tocamos que temos isso, e é tão profundo, tão histórico, e é o que faz a nossa resistência e nossa continuidade.” (Maria Silvanete, em conversa coletiva junto a sua comunidade da Serra dos Paus Dóias, em Novembro de 2021.)

Este trecho, narrado por Maria Silvanete Lermen, uma das coordenadoras territoriais do projeto, agricultora, benzedeira, mezinheira, e orientadora em saúde comunitária da Serra dos Paus Dóias - povoado no alto da Chapada do Araripe, no município de Exu, Sertão do Araripe Pernambucano -, evidencia a consciência e pertença ao campo sócio-biodiverso em que estão inseridas antigas e novas sabedorias de cura entre as protagonistas deste projeto. Sua região, a Chapada do Araripe, muito pouco conhecida entre os brasileiros de maneira geral, é um santuário vivo para seres humanos e não humanos, e guarda e compartilha até os dias de hoje uma infinidade de sabedorias para o manejo de uma vida em confluente regeneração junto ao ambiente, como bem narram suas moradoras, experiências e histórias com a terra e com a vida. Pois o que somos nós, humanos e não humanos, senão a própria Natureza?

Diante de uma reunião de escancarada força e sabedoria, e da necessidade de realização por parte das protagonistas dos territórios de fortalecer seus ofícios e saberes, conseguimos perceber o que a filósofa Vinciane Despret APUD Deborah Rose (2016) aponta sobre estarmos mergulhados e, cada vez mais, conscientes de que estamos sim em tempos de extinção. No entanto, em meio a este cenário, mulheres, povos indígenas, quilombolas e negros, comunidades rurais, e a periferia da periferia do que se chama de “Sul” global têm tecido teias e maneiras de subsistências sábias para solucionar problemas de nosso mundo. A publicação e os demais resultados deste projeto são atestado disso, por evidenciar como estamos implicados e aptos a fomentar e criar outras histórias (de não-extinção) para nos ensinar a mudar nossa relação com o mundo, tornando-o menos violento, menos mecânico e menos dominador. E assim potencializarmos o entendimento de uma Cosmoecologia, uma Ecologia da Atenção, do Tato e da Preocupação, que irradia se Cosmonucleando em territórios e comunidades próximas, e reencanta mundos e vidas em sua pedagogia da experiência cotidiana.

O projeto Cosmonucleação Regenerativa e Encantamento figura portanto como fio largo e forte, bastante significativo, nesta teia de experiências e entrelaçamentos de novos e antigos esforços,

junto às narrativas e experiências de vida que inspiram mudanças de rumos coletivos entre seres humanos e não humanos, com raízes fincadas a partir das mulheres do Sertão, Agreste e Zona da Mata Pernambucana, em territórios periféricos, nordestinos, brasileiros, e ao Sul global, por excelência.

O material desta publicação, por sua vez, que têm autoria coletiva entre os três territórios e pessoas envolvidas no projeto, é fruto de uma observação permeada por afetos e laços, e se dá através de uma colaboração desempenhada com prazer e zelo durante meses, através do qual compartilhamos com o mundo a oportunidade de observar, aprender, ouvir, viver e se encantar com universos e sabedorias desses territórios de Pernambuco. Com o objetivo de produzir conhecimento com uma co-intencionalidade como propõe a antropóloga colombiana Diana Gómez, em que as atividades, ações e questões debatidas na execução do projeto são percebidas coletivamente por determinarem a vida das pessoas e comunidades. E perceber que as premissas que foram levadas em consideração durante todo o processo partiram do impulso de aproximar universos que jamais deveriam ser antagônicos, como o da teoria e prática ou academia e movimentos sociais, além de criar conhecimentos para o luto e para o cuidado e cura, sobretudo se tratando de um contexto territorial e social permeados por diversas violências como é a América Latina, é que esse projeto nos dá, portanto, mais oportunidades para aprender com o mundo e não sobre o mundo.

A interação advinda da Cosmonucleação Regenerativa e Encantamento no Manejo de Territórios Tradicionais e Pernambuco, fomentado pela REDE GRRIPP, (re)cria e fortalece laços entre as protagonistas e sabedoras dos três territórios enfocados nas ações, proporciona visibilidade a seus ofícios, aos territórios, comunidades, aos biomas e regiões em que estão inseridas (Zona da Mata Norte, Agreste e Sertão Pernambucano), além de ser capaz de produzir uma memória coletiva para si, para a região, estado e país, sobre quem são e o que fazem.

escutas, colheitas e partilhas

MARÍLIA NEPOMUCENO, ANA CARVALHO, FABRÍCIO BRUGNAGO,
GIUSEPPE BANDEIRA E MARIANA SOBRAL

Escuta atenta e partilha foram a estrutura, ponto de partida e os princípios metodológicos que nortearam o mergulho pelas profundas águas dos fazeres e saberes entre os territórios que conformam o projeto “Cosmonucleação Regenerativa e Encantamento”. A partir do impulso do amplo coletivo que integra esta iniciativa de registrar e fazer longo o alcance e conhecimentos sobre as práticas, experiências, modos de vida, narrativas e conhecimentos salvaguardados pelos povos e comunidades da Zona da Mata Norte, Agreste e Sertão Pernambucanos, que coexistem com a natureza, com seus seres visíveis e invisíveis; e, a partir de suas práticas populares e cotidianas, regeneram, reflorestam a vida e promovem a cura dos seus territórios, que essa publicação se fez.

Entre afluentes, nascentes, enchentes e correntezas e, do encontro das águas de histórias de três comunidades em Pernambuco, entendemos a responsabilidade e a grata tarefa de contar, sem intencionar colocar filtros na narrativa das protagonistas deste projeto, que agora também é uma publicação que une três cadernos e muitas seções. Os cadernos aqui dispostos nesta publicação são histórias contadas a partir das vozes das protagonistas e detentoras de saberes e práticas populares e tradicionais de cuidado entre seus territórios, que compartilharam entre si e conosco suas histórias

do fazer viver em seus mundos e comunidades. De suas relações com a comunidade e suas práticas de cuidado e saúde, da semente à mesa, das receitas, da comida e alimento como cura, do poder das cozinhas e dos quintais. Histórias que se entrelaçam por serem protagonizadas, em sua maioria, por mulheres que promovem sem que ainda assim nomeiem dessa maneira, autonomia e soberania em territórios rurais e tradicionais, pretos e indígenas do Brasil (e América Latina), reiteradamente ameaçados por enormes violências sociais, políticas e ambientais, diante dessa grande crise sanitária e civilizatória em que atravessamos.

Desta publicação também reafirmamos o compromisso de anunciar sobre o encantamento, mas também os enfrentamentos que nos contam esses povos e comunidades, entre encontros, cotidianos, construções, oficinas, estradas, áudios, transcrições, relatórios, fotografias e prazos, relações, afetações, sentidos, cores, linhas e fios se encontram para tecer essas páginas e nos contar sobre a urgência de (re)escrever sobre um futuro ancestral, que ao pautar o que há de potente no hoje e no ontem nos ajuda a reinaugurar o amanhã. Além de tudo, não há atravessamento maior disposto nestas páginas senão a grande evidência da importância e da necessidade de cuidarmos da memória ativa e em plenos pulmões que carregam as sementes de nossos povos, seja a semente vegetal ou a semente-povo, como elucidada tão bem Iran Ordônio Neves, indígena do povo Xukuru do Ororubá (PE) e coordenador territorial do projeto em conversa coletiva durante vivência imersiva: “tem essa concepção de semente-povo que precisa germinar que vai ser plantado, e tem a semente vegetal que tem saber, tem conhecimento. Vamos juntar os dois”.

No cenário da atual crise climática e ambiental enfrentada pelo planeta, e da urgência de refletirmos sobre as ameaças do modelo de produção de alimentos, das monoculturas do agronegócio e seus pacotes de veneno - agrotóxicos – estes três cadernos surgem com grandes intenções de valorização dos conhecimentos e dos saberes sobre as plantas, as agriculturas, a comida e o alimento como cura, além do manejo dos agroecossistemas em consonância com o Bem Viver e o Bom Comer. Desde a sutileza da dança e das práticas de afeto dos seres vivos que estreitam e tecem laços com a natureza para

construção de novas paisagens.

O primeiro caderno “A Ciência da Mata Xukuru” registra e revela sobre a ciência e as práticas de encantamento, dos seres encantados do povo indígena Xukuru do Ororubá (PE); o segundo caderno “As Filhas da Terra da Serra dos Paus Dóias” nos conta a história de quatro gerações de famílias que se interseccionam, mulheres que protagonizam e promovem saúde a partir da ciência dos remédios do mato e do benzo, mulheres detentoras de saberes do alto da Chapada do Araripe (PE) e; por fim, o terceiro caderno “Saberes das mãos: parteiras, plantas, capoeiras”, do Sítio Malokambo, registra-se os saberes das mulheres que cuidam, se remediam e acolhem em Tracunhaém (PE).

É, portanto, com grande alegria que propomos que essa publicação nos chegue com a mesma intensidade da força que carrega uma semente, que germina o novo trazendo consigo toda a sua herança ancestral, como nos relembra Helena Tenderini, mulher negra e coordenadora territorial de nosso projeto em Tracunhaém:

“Acreditamos que quem chega é quem já foi, então uma criança é um ancestral, né? Então todo nascimento é isso, é a cobra que morde o rabo porque é um ser antigo que tá chegando, só que ele é novo. Então, ao mesmo tempo que ele é novo, ele é antigo, ao mesmo tempo que é antigo é novo.” Helena Tenderini em conversa coletiva junto a sua comunidade no Sítio Malokambo, em Março de 2022.

INTERLÚDIO

deslocamentos e encantamentos: um convite à leitura

VÂNIA FIALHO

Antropóloga; Coordenadora do Núcleo de Pernambuco do Projeto Nova Cartografia Social; Professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco.

Entre Encantados e encantamentos, estamos diante de um conjunto de narrativas que deslocam o nosso lugar e nosso olhar sobre o mundo. Como nos comunicamos aqui através da língua portuguesa, inicio com uma provocação, considerando que o des-locar tem importância fulcral nesse nosso entrevero.

Vou assumir esse atrevimento e solicitar que a leitura deste texto seja realizada de forma deslocada no intuito de retirar cada leitor ou leitora de seu lugar comum. Intercalarei os parágrafos que escrevi com a poesia de Graça Graúna¹, escritora indígena Potiguara do Rio Grande do Norte, posicionando-a na margem direita do texto. Advirto que a relação entre os dois textos não é linear, mas compõem o jogo de palavras que desconcerta o porvir, assim como o conteúdo das três publicações resultantes do projeto Cosmonucleação Regenerativa e Encantamento no Manejo de Territórios Tradicionais em Pernambuco, realizado através da rede

1. GRAÚNA, Graça. Flora da Mata. Belo Horizonte: Penninha Edições, 2014.

GRRIPP - Resiliência Responsiva ao Gênero e Interseccionalidade em Políticas e Práticas.

*Entre o sono e a vigília
O canto da cigarra
Inunda o Sertão*

Estamos diante de um grande aprendizado. Algo que marca toda ação subversiva e insurgente, capaz de apontar o Sul como norte: o senso de coletividade. Algo somente possível pelo envolvimento e generosidade dos povos e comunidades tradicionais implicados neste projeto, cujos conhecimentos foram organizados de forma cuidadosa e muito sensível.

*Braços para o infinito
O espantinho subverte
A ferocidade do mundo*

Transformar a ordem vigente e afirmar o sentido de coletividade é o que nos propõem os três cadernos dessa empreitada que articulam saberes de regiões geograficamente diferentes do estado de Pernambuco e de experiências vividas em três contextos sociais distintos, indicando a potência dos saberes locais e a radicalidade das experiências de produção simbólica e de atribuição de sentido ao mundo.

*Água, terra, fogo e ar:
Labirintos do ser
Em todos os tempos*

Os cadernos constituem as três possibilidades de percebermos que o conhecimento se estrutura por experiências vividas, compostas por processos intensos de implicação nos movimentos que a própria vida apresenta. A observação dos ciclos vitais, das permanências e mudanças e a sua conexão com diferentes dimensões presentes na compreensão de mundo se mostram latentes e nos desconcertam com o desencantamento que permeia nosso cotidiano marcado pela força do capital e sua imperiosa razão.

*Uns cavaleiros sonham
Mas só sonham só
Com a mais-valia*

Mas há a possibilidade de subverter. Tomar a vida como como um evento que acontece de dentro de tudo, o tempo todo, como Ailton Krenak escreve em sua carta para quem quer cantar e dançar para o céu², e possibilita apostar em novos movimentos de contração e expansão.

*Apesar dos pesares
Resta-nos sonhar
A Mãe Terra nos anima*

Essa mudança de ângulo de visão, de posição, de transposição da lógica dominante, é possível com os ensinamentos que vêm dos cuidadores e cuidadoras, benzedoras e benzedores, raizeiros e raizeiras, parteiras e cientistas da vida vivida. Os Truká, povo indígena do Sertão de Pernambuco, costumam falar de suas práticas rituais religiosas como sua cienciazinha. A despeito de toda discussão que essa afirmação possa promover, estamos diante de quem faz ciência da vida vivida, com cheiro, gosto, textura e cor.

*Dançar o toré
Perto da gameleira
Entre os Encantados*

O percurso que tenho palmilhado é o antropológico, alimentado pela experiência etnográfica que possibilita o descentramento e o encantamento pelas lógicas de outrem. É com a complexa ideia de cultura, que foi tomada desde os primórdios da empreitada antropológica pelo mundo dos outros, que se firmam as experiências compartilhadas nesses três volumes. Essa mesma ideia deve ser tomada como “chave de compreensão do mundo, sem a qual cada um teria a impressão de estar submerso em um caos angustiante”, como

2. KRENAK, Ailton. Carta para quem quer cantar e dançar para o céu. In: COSTA, Suzane Lima; XUKURU-KARIRI, Rafael. Cartas para o bem viver. Salvador: Boto-cor-de-rosa livros arte e café/paraLeLo13, 2020, p.20-22.

diz o filósofo búlgaro Tzvetan Todorov³. Ela, a cultura, em todas as suas dimensões e grandezas, serve de vínculo à comunidade que a compartilha e permite que seus membros se comuniquem entre si. É também a partir dos laços que sustentam essa coletividade e que lhes dão sentido que passamos a adentrar na sabedoria desses povos.

*Velho pote de barro
Um colar noturno,
Cheiro de terra molhada*

Os ciclos da vida pulsante são inspiradores. Joseane Mautê Sousa, professora de literatura que estuda narrativas contemporâneas, numa outra carta que compõe o livro Cartas para o Bem viver, escreve ao tempo, e faz também referência à forma cíclica que vive a natureza e a importância de percepção do tempo associando à ideia do Bem Viver. Diz ela:

O que é o BemViver senão a capacidade de torná-lo potência, de sentir, de experienciar, de escutar e de viver a Natureza, a de dentro e a de fora, em equilíbrio? Há Tempo? Há, tempo? Nosso modelo de vida atual invade a existência, apressa o passo, devora o tempo, consome rápido, tudo descarta, nada reaproveita, rejeita o velho, oprime o diverso.⁴

Eis a insurgência e a potência desse projeto: desestabilizar a ordem vigente, potencializar outras lógicas, reconhecer a consistência e a profundidade dos conhecimentos locais compartilhados, compreender os territórios como territórios de vida. É a aposta na arquitetura do cuidado expressa na recomposição da Casa de Vivência e Cura, no território afroindígena Serra dos Paus Dóias,

3. TODOROV, Tzvetan. O medo dos bárbaros, para além do choque das civilizações. Petrópolis: Vozes, 2010.

4. SOUZA, Joseane Maytê. Carta para o tempo. In: COSTA, Suzane Lima; XUKURU-KARIRI, Rafael. Cartas para o bem viver. Salvador: Boto-cor-de-rosa livros arte e café/paraLeLo13, 2020, p.200-204.

na Chapada do Araripe; a potencialização da Cozinha Ritual Tradicional Xukuru, na serra do Ororubá, Agreste do estado; e a reestruturação do Laboratório de Fitoelaborados no Território Cabôco da Zona da Mata Norte, em Tracunhaém. Todas as três iniciativas destacam noções que aqui se coadunam com uma outra forma de ver o mundo e enunciam de maneira forte e contundente princípios vinculados à ciência da mata, à filiação às serras e ao partear nas capoeiras.

Encantadora leitura!

*Utopia é cantar
Uma trajetória possível
Pindorama*



segunda parte

saberes das mãos:
parteiras, plantas, capoeiras



*São muitos os saberes das mãos
São muitos os saberes das mãos-mulheres*



SABERES DAS MÃOS: PARTEIRAS PLANTAS CAPOEIRAS

partejar, cuidar e curar

Helena Tenderini em conversa coletiva da imersão em Tracunhaém-Pernambuco, durante a execução do projeto COSMONUCLEAÇÃO REGENERATIVA E ENCANTAMENTO, 2022. Os diálogos e conversas junto a Helena foram puxadas por Marília Nepomuceno, Ana Carvalho e Mariana Sobral.

FAZER COM AS MÃOS AUTOCUIDADO E CURA

São coisas que fazem parte do nosso autocuidado, do nosso processo de cura

Eu fazia parte de uma equipe de parteiras e doulas lá em Olinda, e comecei a atuar como uma mulher que ajudava outras mulheres, hoje se chama doula, mas na época que eu tive Makambi, meu filho mais velho, nem tinha esse nome de doula. E quando eu estava grávida de Aluandê, meu filho mais novo, faz cerca de 9 anos, foi que eu entrei nesse universo.

Aqui no sítio, eu ajudo tanto na gravidez como para cuidar dos bebês, das crianças, de problemas de saúde diversos, mas principalmente questões relacionadas à reprodução, quem tá querendo engravidar, ta com cisto, problemas ligados à menstruação, menopausa, dor... Esse trabalho foi acontecendo, as pessoas iam sabendo, e diziam: “tem o sítio, tem planta, Helena faz isso”, aí começou a me procurar, ou pra rezar também. Foi antes da pandemia e continua sendo uma procura bem forte, principalmente

criança, mas também gente mais velha, ou quando não dá pra vir aqui, quando a pessoa tá em situação de saúde debilitada demais, aí eu vou na casa da pessoa.

Eu aprendi que a reza não é cobrada, mas ela precisa ter uma troca, uma energia de troca. Já recebi feira, dinheiro, perfume, sabonete, várias coisas em agradecimento, porque tem rezadeira que aprende o contrário, que a reza é um dom que você doa e pronto. Eu aprendi que é um dom que a gente tem que receber algo, porque senão enfraquece.

Muita gente, sabendo que eu rezo e que trabalho com remédio de planta, começou a vir aqui, e mulheres grávidas também. Foi um trabalho que eu comecei, fiz divulgação, desde 2017. Nasceram três crianças aqui em Tracunhaém comigo em casa, uma é Perolla, que vai vir aqui; Bernardo foi o meu primeiro bebê que eu recebi; Maria trabalha como manicure, tem um espaço na casa dela, ela disse que não consegue vir, mas se vocês quiserem ir talvez pra fotografar, eu posso pegar Bernardo, ela tem três filhos, eu acompanhei Bernardo e Laura.

Maria é uma história interessante que gosto de contar, quando ela chegou já era o segundo filho que ela tava grávida, com 38 semanas, quando chegou aqui. O primeiro filho teve uma experiência no hospital, ela escolheu. Já Bernardo nasceu em casa comigo, ela chegou com 38 semanas e Bernardo nasceu com 41, 42 semanas, e eu acompanhei ela por cerca de um mês. Quando ela engravidou de Laura, a terceira, foi na pandemia e eu não tava fazendo roda de acolhimento de gestantes, mas eu acompanhei a gestação, só que foi no processo do meu pai doente, eu indo muito pra Recife, Malakai tinha tido apendicite, foi um ano muito difícil... Eu tava partejando, mas não tava fazendo meu trabalho como eu sei que posso fazer, porque eu não tava com condições, e ela disse que tava pensando em ir pro hospital nesta terceira gravidez por causa da família, porque o primeiro parto, e o de Bernardo, foi entre aspas numa casa, ela não planejou, mas ele nasceu, ele simplesmente foi nascendo e foram me chamando. Foi difícil a experiência, com certeza, a do parto de Bernardo foi a melhor, ela gostou. Agora comparando com a terceira gravidez que o parto foi no hospital, ela disse que se pudesse ter

escolhido ser em casa teria sido muito melhor.

Acompanhei muitos partos com a equipe de Marcelly Carvalho, parteira de Olinda, com Carla Maldonado também, que foram parteiras que me acompanharam, que acompanharam minha terceira e quarta gestação, aliás, acompanhou todas as minhas gestações desde a de Makambi. Mas como parteira responsável pelo parto foi Malakai e Aluandê que nasceram com ela. E quando eu tava grávida de Aluandê eu comecei a sonhar pegando bebê, a barriga crescendo, e eu fazendo um trabalho com mulheres indígenas, entre elas tinham parteiras e teve uma situação bem difícil. Eu tava com cinco meses, foi lá em Truká [Povo Indígena], e chegou a notícia que uma menina tinha se afogado, aí todo mundo desesperado, uma parte dos homens foi lá no rio - era na Ilha de Assunção, cercada pelo Rio São Francisco-, e eu passei mal!

Eu fiquei angustiada, a gente tava ali num encontro com várias mulheres indígenas de todo Pernambuco, tinham umas três parteiras nesse encontro... Elas fizeram uma simpatia comigo pra não atingir o bebê, pra eu voltar e ficar bem, quando eu tava me acalmando, chegou a notícia que a menina tava bem, que foi mais um susto, foi a notícia que chegou errada pra gente, a mãe da menina era merendeira da escola, merendeira do encontro que a gente tava, aí começou a gritar, e isso foi bem tenso. Mas graças a Deus não aconteceu nada.

Depois dessa simpatia eu comecei a ter mais sonhos ainda em parto, eu sonhei pegando Aluandê, que eu tava grávida dele e tanto é que no parto dele a primeira pessoa que toca nele sou eu, porque ele já tá nascendo. Tá filmado, eu boto a mão e ele encosta na minha mão, aí Marcelly pega, ele nasceu enlaçado, tanto Pérolla como Bernardo, os meus dois primeiros bebês que peguei sozinha como parteira, nasceram laçados. Bernardo, que foi meu primeiro bebê, nasceu empelicado também e nasceu com um nó verdadeiro no cordão, nasceu com três coisas assim muito simbólicas.

Durante a minha gravidez de Aluandê eu entendo que foi um start mesmo pra esse universo da parteria, se na cidade grande não é fácil ser parteira, no interior é pior ainda, muita gente romantiza dizendo que tem muitas parteiras no interior, mas ao contrário do

que dizem, as parteiras aqui tem muito mais medo de partejar, porque a cobrança da saúde [institucional] e a criminalização da parteira foi muito maior. Eu conheci uma parteira aqui em Nazaré e trouxe ela para roda algumas vezes. Ela foi a que pegou Val [meu amigo e parceiro de ofícios aqui em Tracunhaém]. Val me acompanhou em dois partos, Val sempre tava aqui na roda, Val que trouxe Vitória, a sobrinha dele, que foi a minha primeira menina [grávida que acompanhei sozinha como parteira responsável aqui], depois trouxe a irmã dele que queria engravidar, e a gente fez todo processo pra ela conseguir engravidar. Ela engravidou e eu acompanhei toda a gravidez dela.

Os que nasceram aqui comigo em casa são três, mas eu acho que eu já acompanhei aqui em Tracunhaém umas sete, oito mulheres, que queriam engravidar, engravidaram e tiveram bebê, só não nasceram em casa comigo. Isso de gravidez... Mas acho que foi mais, quem vinha aqui pra roda [de acolhimento de gestante] ao todo, pensando nos três anos que eu fiz roda aqui, antes da pandemia. Porque vinham mulheres fora de Tracunhaém, mas aqui pela comunidade passaram doze mulheres, três crianças nasceram em casa comigo e outras mulheres que eu acompanhei, que não podiam vir pra roda.

Malaika, minha única filha mulher e segunda mais velha entre meus filhos, já foi em visita domiciliar comigo, pós-parto, ela é muito presente no acompanhamento das minhas atividades. Nesse processo de cuidar do meu pai eu tive uma crise de coluna que eu fiquei arrasada e quem cuidou de mim principalmente foi Malaika. Eu dizia pra Malaika aplicar agulha em mim, eu explicava e ela botava, porque eu não tinha como fazer sozinha. Ela aplicava reiki, aí ela começou a dizer pra mim: - “A senhora sabe que eu tô gostando muito de fazer isso? Parece que eu sou enfermeira!”. E eu disse que ela não era enfermeira, mas filha de uma cuidadora: “e você também é, minha filha, por isso que você gosta”.

Ela fez muito parte desse momento de cuidar, desde a doença do meu pai até agora. Eu vejo, não só pelo fato dela ser mulher, minha única filha, mas ela tem muito da personalidade dela mesmo, de cuidar, fazer a comida, gostar de cozinhar, é uma

coisa que ela gosta, não tá fazendo por obrigação só, porque também por obrigação a gente faz muitas coisas. Mas não só de obrigação que ela faz, faz de gostar de estar fazendo isso. Muitas coisas com a mão, o bordado, por exemplo, eu acredito que são coisas que fazem parte do nosso autocuidado, nosso processo de cura. Ela tá virada nos desenhos dela, ela tá desenhando rosto, ela pega foto... Ela tá me acompanhando muito perto e tá na adolescência, aí são outros processos, ela e Joca [amigo e grande parceiro de Malaika] estão numa fase bem importante.



VITÓRIA E PÉROLLA

Vitória, mãe de Pérolla, mulher nascida e criada em Tracunhaém, Pernambuco. Vitória optou por ter Helena Tenderini como sua parteira durante o parto e gestação de sua filha, e traz seu depoimento em conversa coletiva durante imersão em Tracunhaém-Pernambuco, em meio ao projeto COSMONUCLEAÇÃO REGENERATIVA E ENCANTAMENTO, 2022.

***Foi bem bonita a confiança que a gente construiu,
mas no momento do nascimento a família toda
tava envolvida e tava confiando de que
era o melhor***

Foi especial ter Helena me acompanhando. Eu tinha trauma de hospital, eu vivia muito em hospital, não tive boas experiências. Foi importante pra mim porque meu medo era chegar no hospital e não ter um auxílio do meu lado, no hospital a mulher gestante fica ali. As enfermeiras e o médico só vão se aproximar de você nas últimas. Lá [em casa] eu tive o cuidado e a atenção todas voltadas pra mim.

Na minha casa teve aquela atenção, paciência... As pessoas que eu amo todas ali perto de mim, e a confiança em Helena. Desde quando eu sabia que estava grávida, mas ninguém sabia.

Mainha me disse que o que eu passei também foi o que ela passou. Eu aprendi a conhecer as pessoas depois da minha gravidez. E graças a Deus minha família me apoiou, minha mãe, outras mulheres. Foi bom ter alguém como Helena perto. No dia do parto, meu marido que trabalhava fora, justamente no dia que ele tava em casa e todo mundo tava em casa - tava todo mundo em casa, minha mãe, meu pai, Val, que já era minha doula, e o padrinho de Perolla também... Foi muito rápido o trabalho de parto, evoluiu muito rápido, as irmãs estavam, o irmão.

“Todo mundo tava presente. Mas na hora do nascimento mesmo Perolla ficou presa, minha primeira experiência sozinha nessa situação, a passagem demorou, Perolla nasceu bem chumbada,

todo mundo pensou que ela tava morta, aí eu disse pro povo chamar o nome dela, todo mundo de mão dada, foi muito emocionante. Rezando e chamando ela e fazendo massagem pra reanimar, ela respirou e tal, só que aí passou alguns dias eu indo lá pra cuidar dela, porque ela demorou a ancorar mesmo, por causa dessa dificuldade na hora da passagem mesmo.” (Helena Tenderini)

“Foi muito cansativo. E foi a melhor posição que eu achei, de quatro, foi a melhor mesmo, pra cima não consegui, a gente ainda tentou fazer acocorada, mas também tava muito desconfortável, de quatro foi a melhor. Foi bem bonita a confiança que a gente construiu, mas no momento do nascimento a família toda tava envolvida e tava confiando de que era o melhor, tanto é que a mãe dela disse que não saberia como seria no hospital.” (Helena Tenderini)

Eu achava que não ia conseguir por causa de mainha, porque ela não teve bons relatos de parto. Eu demorei uma semana pra nascer, minha segunda irmã teve que ser puxada pelo fórceps e a minha outra irmã foi um homem que subiu em cima [da barriga da mãe] pra ela sair. E meu irmão que foi o último foi uma cesárea. Quando a bolsa estourou minha mãe perguntou se eu queria ir pro hospital, eu disse pra ligar pra Helena, sairia [pro hospital] nas últimas se precisasse. Eu tinha muito medo de ir ao hospital e ficar lá... Foi muito bom em casa, teve a bola, teve um banho, toda assistência mesmo, e se eu tivesse lá no hospital? A placenta demorou...

Uma coisa até engraçada, eu e Val ficamos nessa madrugada, duas e meia, aí vai terminar, limpar tudo, fazer todo procedimento, quando a gente ia sair de lá, ia dar seis horas da manhã.. Quando eu ia deixar Val em casa e vinha, a gente encontra Cabecinha, que é da capoeira, perguntando se nasceu, a gente disse que sim, mas como é que o povo já sabia? Foi o pai dela que tinha postado na internet (risos). Bernardo eu não registrei aqui em

Tracunhaém, depois que Bernardo nasceu, o pai dele se agoniou, viu sangue, só tava ele comigo, acabou eu levando Maria pro hospital em Nazaré, ele foi registrado como se tivesse nascido em Nazaré no hospital, então não registrei. E Pérolla foi a primeira bebê que eu registrei aqui e fazia mais de dez anos que não era registrado um bebê aqui em casa. O próprio cartório não sabia como proceder, mas diferente de vários cartórios que eu peguei em Recife, eles foram super abertos, ficaram super felizes, porque tinha nascido um bebê em casa, em Tracunhaém, a Secretaria de Saúde facilitou também. Foi muito tranquilo. (Helena Tenderini)



APRENDER O CUIDADO - CONVERSA ENTRE GERAÇÕES

Helena Tenderini e sua filha Malaika. Conversa coletiva durante imersão em Tracunhaém-Pernambuco, em meio ao projeto COSMONUCLEAÇÃO REGENERATIVA E ENCANTAMENTO, 2022.

É importante porque aí vai passando o conhecimento pra mim, depois eu passo pra outras pessoas. Sempre estar fazendo alguma coisa, sempre estou perto, vou aprendendo mesmo, não só relacionado aos cuidados, como coisas simples também, coisa pessoal do dia a dia

[Helena] Malaika, minha filha, diz teu nome completo...

[Malaika] Meu nome é Malaika Maria Oniilari Tenderini Ferreira da Silva.

[Helena] Queria que tu falasse um pouquinho como é ser filha de uma cuidadora. Tu também já fizesse visita pós-parto comigo, não foi? Fala um pouquinho como é que tu me ajuda quando eu preciso, tanto na reza quanto no reiki, como na aurículo, ou cuidando de mim também.

Como é pra tu ser filha de uma mulher que cuida de outras pessoas?

[Malaika] É muito bom, porque eu vou aprendendo (risos).

[Helena] Tá aprendendo o que?

[Malaika] O reiki foi iniciado no cais do parto e a aurículo eu tô aprendendo na prática. A reza eu ainda não fiz, mas eu sempre fico junto.

[Helena] Sempre me auxilia... Como é que tu se sente? Como é ser filha de uma pessoa que cuida, e ajudar a cuidar também quando precisa. Tu gosta?

[Malaika] Eu gosto porque é importante, porque cuidando de outras pessoas... Mesmo quando tá cansada e tal, sempre quando

alguém precisa a gente cuida.

[Helena] A gente diz que tem que tá à disposição, a serviço. Como é pra tu às vezes ver alguém vir aqui pedindo ajuda, apoio? Como é isso pra você? Como tu se sente em relação a isso?

[Malaika] Normal, foi assim desde sempre, a senhora sempre teve ajudando as pessoas.

[Helena] Fala pra mim o que é importante a gente tá cuidando... Como é que tu aprende na prática, como isso acontece? Fala um pouquinho estando perto de mim, observando, tu gosta também de aprender as coisas, de fazer as coisas com as mãos. Sobre as outras coisas que a gente faz também, como cozinhar, que faz parte do cuidado... Por que tu acha que tudo isso é importante?

[Malaika] É importante porque aí vai passando o conhecimento pra mim, depois eu passo pra outras pessoas. Sempre quando a senhora está fazendo alguma coisa eu sempre estou perto, e vou aprendendo mesmo, não só relacionado aos cuidados, como coisas simples também, coisa pessoal do dia a dia.

[Helena] Tu acha isso importante porque, pra o mundo e pras pessoas? Por que é importante cuidar?

[Malaika] Pra quando alguém tiver se sentindo mal ficar melhor com nossos cuidados.

[Helena] Obrigada por essa conversa, minha filha.



a medicina que vem do corpo

Helena Tenderini em conversa coletiva durante imersão em Tracunhaém-Pernambuco, em meio ao projeto COSMONUCLEAÇÃO REGENERATIVA E ENCANTAMENTO, 2022.

Tem ervas que são boas pra saúde física e tem a jurema que é uma erva de poder espiritual

Aqui é uma tintura, ela tem vinho tinto, tem cachaça e tem... Tem mais as ervas, o principal é a erva, e aqui tem a jurema. Tem vinho, cachaça e cerveja preta! E tem os dois tipos da jurema, a jurema preta e a jurema branca e várias ervas, acho que são nove. Aí tem casca, tem folha, mas a maioria é casca.

E assim... eu ia buscar no terreiro, aí mãe Jura [sua mãe de santo] disse: - “não, eu vou lhe ensinar”, aí me ensinou, e aí pronto, a gente cuida. E é sempre na cuia de coco e passando de uma pessoa pra outra, né?

Assim como a medicina da placenta, a gente toma pouquinho. É uma tintura, toma e divide, vai circulando. Essa garrafa ‘chique’ que eu escolhi só pra ficar com a jurema, foi pra ficar separado. Aqui tem a tintura da placenta, nessa outra aqui é mel, minha gente, e é do sítio. Essa [gesto] eu guardei pras minhas coisas, mel e favo. Essa [gesto] é a tintura que a gente fez juntas no primeiro ano da pandemia, lembra? De azeitona [feita a partir da folha da azeitona roxa/jamelão/oliveira], e já está acabando.

A tintura de azeitona é boa para a diabetes. E mãe é diabética,

aí eu sempre levo pra ela, têm algumas pessoas que sempre me pedem. Eu botei aqui o algodão que também estava no meu armário. E a jurema tanto ela expande alguns sentidos da gente, como faz bem pra saúde, por conta desse processo mesmo de conservação das ervas, de apurar e são ervas que são boas pra saúde física.

Além da jurema que é uma erva de poder espiritual que a gente tem aqui no sítio - a jurema branca.

Pode-se usar as duas, só que preta eu comprei a casca. Algumas das plantas que a gente usou na tintura são daqui do sítio. E na tintura da placenta também, só que a tintura da placenta, o principal é a placenta. A placenta de um bebê que nasceu em casa sem nenhuma intervenção química, nenhuma intervenção! As outras placentas servem também, tem propriedade medicinal também. Por exemplo, a placenta de um parto normal que também não teve intervenção no hospital, ela tem muita vitamina, tem muito ferro e tal, é forte, é bom pra fazer vitamina, fazer shake, esses negócios que se faz hoje em dia, mas ela tem a energia do hospital. A energia do hospital todo mundo sabe que é uma energia pesada, né? Porque o hospital é um lugar de morte também, de muita morte, doença e sofrimento, não é um lugar sereno feito uma casa. Fora a química, tem mulher que recebe oxitocina, que recebe vários processos químicos no corpo que vai pra placenta. Nesse sentido, mesmo que a mulher não tenha recebido nenhuma química, tenha chegado no hospital parindo, nasceu a placenta, não recebeu nada de química, mas ela nasceu nesse ambiente... Serve como força pra se alimentar, mas não tem energeticamente essa limpeza de tá num ambiente tranquilo.

Aquilo que Vitória falou, estar cercada da família, estar na sua casa, no seu lugar, no quarto onde você já dorme, tudo isso faz muita diferença. Tem medicina [de placenta] aqui de Aluandê, e essa é de Gael, da placenta de Gael. Foram várias placentas que a gente fez a medicina, foi de Amandine, foi de Vitória, foi de Maria, foi a minha de Aluandê... A de Aluandê foi só pra coar, já tinha preparado e era só pra coar, e a gente coou a de Amandine também. Aí a de Manu, mãe de Araújo, a gente preparou... Acho que foram umas sete placentas, algumas foi pra coar e outras para preparar a

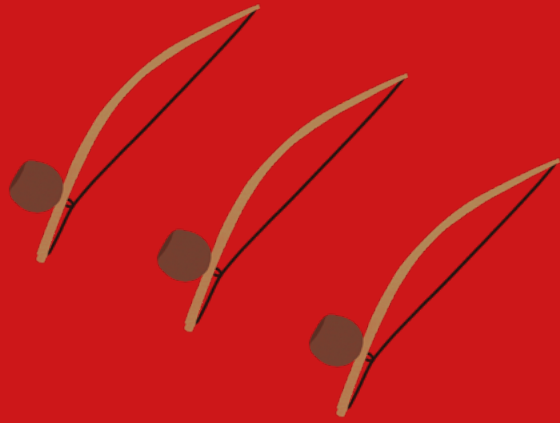
tintura. Pra coar é, porque já tava assim preparada [prepara como tintura], tá vendo? Aqui tá a placenta. Essa aqui é de Maria, de Bernardo. Foi no final de 2009. A de Maria, a de Vitória tá assim ainda, a placenta tá aqui e tem que coar, a gente tem que fazer um segundo momento para coar, a de Manu também tá assim, e essas que estão coadas foram as que já tinham passado por essa primeira etapa e que a gente precisava terminar. Aí a placenta não vai ficar mais no pote, você vai escolher o que vai fazer com a placenta, e foi aí que eu peguei a placenta de Aluandê e a gente plantou no baobá [árvore que fica entre o centro urbano e a área rural de Tracunhaém, na entrada do Sítio Malokambo, próximo a casa Flor das Águas - espaço de acolhimento, cuidado e cura da comunidade, construída com o incentivo do projeto “Cosmonucleação Regenerativa e Encantamento” entre 2021 e 2022].

Uma das coisas que se pode fazer também é encapsular a placenta. Quem faz muito isso é Dani Siqueira. Dani faz as cápsulas de placenta... Uma outra questão também e que eu aprendi com Suely Carvalho, que aprendeu com outras parteiras do México, é que não se vende a tintura da placenta, mas também não se dá. É como a reza. Precisa ter uma troca, é uma medicina muito poderosa que eu sempre digo pras pessoas, e serve pra um monte de problema de saúde, trata um monte de coisa, menos câncer e HIV.

Tem que ter uma troca, eu já recebi todo tipo de troca, já recebi muito dinheiro por uma garrafinha de tintura, já recebi comida, presentes, coisas pra mim, pra eu usar, é a mesma coisa da reza. Isso aqui [gesto] já é ela coada e a mesma coisa de uma tintura, uma colherzinha e meio copo de água uma vez por dia pra fazer um tratamento para problema de articulação, artrite, artrose. A gente tem que fazer um processo, vários dias seguidos, serve para questão de memória e as questões do útero também. Não importa se a tintura é de Gael, mesmo assim eu posso usar, qualquer mulher pode usar, não precisa ser da sua própria placenta. Tem coloração diferente porque é uma coisa que muda. O processo de preparo da tintura é coletivo, por isso, eu fiz um encontro, onde a gente reuniu as famílias todas que estavam envolvidas com as placentas que estavam aqui, foi bem bonito esse processo. Suely, com quem aprendi, aprendeu

e passou pra mim e pra outras aprendizes dela. A gente aprendeu e pode sempre repassar com essa ressalva, que não é comércio, não é pra comercializar. Não que o dinheiro não seja importante, pelo contrário, tem que ter essa coisa da troca, mas é um saber que ele tem uma importância ancestral e não pode ser tratado como uma coisa que é encapsulada e vendida. Inclusive não é pra todo mundo que eu falo, porque tem muita gente que demoniza: - “A placenta?! Como é que pode fazer um remédio disso?”

Uma vez a gente foi fazer o ritual da placenta, aí teve uma pessoa que disse assim: - “Vou não, é um ritual”. Só porque eu usei a palavra ritual já é colocada como coisa ruim, de maldade.



quando a cobra morde o rabo

Helena Tenderini e Mestre Joab Jó Malungo Jundiá, pai de seus quatro filhos, em conversa coletiva no evento de reunião da comunidade no Sítio Malokambo. A reunião coletiva aconteceu no dia 20 de Novembro, a data foi escolhida por coincidir com o dia atribuído à morte de Zumbi dos Palmares, em 1695, um dos maiores líderes negros do Brasil que lutou pela libertação do povo contra o sistema escravista. Considerado pelo povo negro no Brasil como o verdadeiro dia da consciência negra, e para esse território e grupo em específico é dia também de aniversário de seu coletivo, o “Grupo Permamocambo” e do “Sítio Malokambo” - onde está localizada a Casa Flor das Águas. O evento aconteceu durante a imersão em meio ao projeto COSMONUCLEAÇÃO REGENERATIVA E ENCANTAMENTO, 2021-2, em Tracunhaém-Pernambuco.

POEIRA E TUDO MAIS SOBRE CAPOEIRA

Capoeira é tudo o que a boca come

(Mestre Pastinha)

[Joab] (...) Poeira e tudo mais sobre capoeira, música, dança, as reflexões que a gente fala, a gente faz, né? As provocações, você sabe que na capoeira o povo tá conversando [risos], aí pronto... Aí é isso, há 2 anos a gente não faz roda assim, que a gente não imaginou que seria uma roda com tanta gente assim, a gente chamou só as pessoas próximas, mas aí foi chamando, chamando e deu nisso aqui, né? Por conta dessa pandemia, que a gente acredita no que deve acreditar e desacreditar... O fato é que a gente não dá pra viver separadamente, né? E a gente sente falta, todo mundo sente falta, depois de dois anos

é a primeira roda que a gente vai fazer, o primeiro encontro e essas músicas que a gente vai tocar existem muito antes da pandemia. Tem música que tem tanto tempo... Boa parte delas tem vinte anos ou mais de vinte anos, mas foi nesse período que a gente se recuou mais estrategicamente [o período da pandemia], que a gente desenvolveu esse trabalho aqui, com alguns músicos daqui, Leite e Adeildo. E a verdade é que as músicas são letras que falam da nossa realidade aqui, não tem um documentário que diz “É tudo verdade”, né? Um negócio de cinema que diz “É tudo verdade”? As músicas que a gente canta aqui, que vocês vão escutar, é tudo verdade! Karla tá dizendo que tem uma que diz: - “Quando a cobra morde o rabo...”

Quando a cobra morde o rabo é a música que tá sendo muito chamativa. Porque a gente fez o clipe, aí muita gente viu o clipe e tal, e por conta da letra também. Da sonoridade, claro, mas também têm outras músicas que seguem a mesma linha de provocação. A mesma linha de provocação do que a gente tem refletido aqui, a partir do que a gente tem refletido aqui e é tudo verdade, né? Não é uma música, não é uma letra assim de “eita! A moda agora é protestar assim, a moda agora é fazer assim”, né nada disso não, é porque a coisa é de verdade mesmo. Eu sou responsável pelo que eu canto, né?

As composições são minhas e as pessoas que estão me acompanhando na lógica tão curtindo essa provocação, né? Tá botando fé nessa provocação e tá se arriscando também em tá comigo fazendo essas provocações e cantando dessa forma. As pessoas que cantavam comigo antes da gente arregimentar esse pessoal, né? Antes da gente manter esse pessoal, era Helena e Oran também, o meu menino mais velho, desde muito tempo ele tocava já...

[Helena] Eu ia dizer que essas músicas que a gente vai cantar são na verdade ladainhas, antes de ser músicas como vocês vão ouvir aqui. Elas são ladainhas de capoeira. Então na verdade é tudo fundamento na capoeira, né? Aliás, tem alguma que não é? Uma ou duas, talvez, mas o resto é tudo ladainha. Mas Joab acabou não falando da história do grupo, né? O Capoeira Pernamocambo Angola foi fundado em Aldeia, em 1994, e está completando hoje vinte e sete anos. Começou no espaço que era a casa dos meus pais. Lá a gente primeiro começou a treinar, lá que é um sítio também. E

depois a gente construiu um espaço, ficou provisoriamente como nosso, que a gente chamava de Mocambo... Acho que Calanguinho chegou a ir, Tonico, Mestre Nino não, tava aqui não na época, enfim, Karlinha, Oião, Di, uma galera... E a gente passou um período lá, depois saiu desse espaço, que não era na verdade nosso mesmo, e a gente ficou sem uma sede, né? Ficou treinando sempre na casa da gente e depois, treze anos atrás, a gente comprou esse sítio. Que aí se tornou o lugar onde é a sede também do grupo. E Joab quando escolheu um nome para o sítio, foi Joab que escolheu, pensou assim, sugeriu e a gente gostou: “Malokambo”. Justamente essa ideia de maloca e mocambo, índio e negro, né? Caboclo, né? É o povo daqui da Zona da Mata, de onde Joab é natural. Então, digamos que eu endossei essa vontade dele voltar pra cá, pra Zona da Mata... Então a gente tá aqui há treze anos, moramos aqui nos primeiros dois anos, depois a gente voltou pra Recife, por uma série de questões. Fazia roda aqui, fazia roda na casa de Cristina... Aí na casa de Cristina, que é a mãe de Oran, Orum e Danda, e é a primeira companheira de Joab, a gente fazia roda lá. Quinze dias depois fazia roda aqui, e aí vai fazer seis anos agora que a gente voltou de vez para morar no sítio e nesses seis anos a gente tem conseguido construir várias coisas graças a várias pessoas, Karlinha é uma das que sempre tá aqui com a gente nas construções.

[Joab] E toda música dessa, como Helena falou que é uma ladainha, boa parte dela é ladainha, tem algumas que não são, mas tem uma que é “Luís Gama”, essa não é ladainha, essa foi feita a partir da história de Luís Gama, mas todo mundo tem uma história, às vezes eu dou uma pitada de como a música foi feita [faz som de passarinho], e aí nos intervalos assim eu conto um pouco como a música foi feita, a história real que aconteceu, que motivou o surgimento daquela canção...

Uma vez a gente foi pra uma sambada lá em Condado [cidade da Zona da Mata Pernambucana], e quando a gente tava lá em Aliança [cidade da Zona da Mata Pernambucana], a gente sem nenhuma perspectiva de arrumar condição pra ir pra Condado, e o tempo tava deserto, na pista tudo escuro, aí meu amigo faz: “quem chama, leva”, e eu já tava me arretando com ele já, com isso de “quem

chama, leva, te preocupa não, quem chama, leva...”. E aí eu: “vai dar tempo não, a gente não vai chegar lá na hora não, a gente vai ficar aqui em Aliança”... Nisso apareceu um bêbado com um galo debaixo do braço e ele fez mesmo assim: “Vem o meu ônibus, eu vou parar ele pra gente ir, não se preocupe com isso não”. E o galo cantando, e eu: “Brincadeira um negócio desse...”, e eu tava vendo a hora a gente dormir em Aliança, sem nenhuma perspectiva. Os carros que passavam, carro pequeno que passava pela gente, nem nada... Ninguém parava para dar uma carona. Até que um ônibus grande desses de viagem aparece, o bebo dá a mão, o ônibus encosta, liga a seta, pára e abre a porta. E o bebo fez assim: “Bora!”. e a gente: “Vamos simhora!”. Quando o bêbado entrou no ônibus, o galo deu logo uma cantada, todo mundo olhou assim [gesto], aí Jó olhou pra mim e: “o que foi que eu disse a tu? Quem chama leva, ou não?”

Eu sempre conto essa história, não é, Helena? Que é do jeito que ele contou aí, porque isso é um fato, a gente não imaginava, a gente foi descrente, a gente não botou fé nas coisas... A gente ia ficar dormindo na rua, não tinha condição nenhuma da gente “quem chama, leva” e a gente não acreditou de jeito nenhum que aquele bêbado levava a gente. Ele dizia: “Eu vou levar, vou levar vocês!” e levou, o danado! Ele vinha pra perto e a gente saía, e ele encarnando, encarnando... Aí eu fiz uma canção, que inicialmente é uma ladainha, a partir disso, depois eu fui colocando uma outra melodia a partir da ladainha, cantando como ladainha, e tem uma energia... Cantando como samba, tem outra. Mas é tudo verdade, é tudo verdade!

Tem uma outra que é “Iê Mamãe”, quando eu disse que voltaria pra cá, pro interior de novo, mamãe disse: “Você tá doido”. Mamãe quase me matava, porque quem é daqui sabe, é uma paixão e um ódio, o sonho é ir embora, aí depois o sonho é voltar, aí depois o sonho é ir embora de novo, e depois de novo o sonho é voltar... Aí mamãe disse: “Você tá doido, ali só tem cana!”. Meu avô, meu pai, todo mundo, tudo saiu da cana [trabalhadores explorados pela monocultura da cana-de-açúcar]. “Só tem cana, você vai fazer o quê?”, e eu digo: “Não, mãe, eu vou pro outro lado!”, que é o mar de cana, né?

Os antigos, meus avós, se referiam à cana como o mar de cana. “O mar que a gente conhece aqui é o mar de cana”, isso era o que meu avô dizia, né? Aí mamãe diz: “Mas lá só tem mar de cana!”, e eu digo: “Mas eu vou pro outro lado do mar de cana, vou pro outro lado do mar!”. E mamãe não queria deixar de jeito nenhum, foi muita coisa e hoje eu acho que ela tava certa, e acho que eu tava certo também. Eu fui certo em vir, sem ela querer, e ela foi certa também, ela tá certa em não querer que eu viesse, um acerto não anula o outro.

Inclusive eu viajei várias vezes pra São Paulo como imigrante, né? E quando saía de Nazaré [Nazaré da Mata - cidade da Zona da Mata Pernambucana] e passava aqui, eu só sabia que tava saindo de Nazaré quando via a Serra do Trapoá. O ônibus passando... Tinha um ônibus que era Timbaúba- São Paulo, aí ele parava em Nazaré, pegava o pessoal e ia. Timbaúba-São Paulo, da Itapemirim, quando passava por aqui pelo trevo de Tracunhaém, que eu olhava e via a Serra, aí começava a chorar... Eu era adolescente, e sabia que realmente tava saindo de Nazaré quando passava por Tracunhaém...

Quando a gente voltava, aí eu começava a chorar de novo, quando passava pela Serra, porque tava chegando em Nazaré. Então essa música é “Iêê, Mamãe”, que fala exatamente dessa trajetória, não concretamente assim, mas de maneira poética e tal. E todo som numa levada de alevante...

De reação em reação, tem até uma coisa que eu gosto muito, eu não sei quem fez essa frase não, eu sei que apareceu aí no meio do mundo! Não sei quem foi que fez não... Que diz assim: “Eduque os seus filhos para não serem racistas, porque eu to educando os meus pra reagir”, né? E as músicas é tudo nessa pegada, vamos educar a mente da gente pra entender a história das coisas, para entender a realidade sem muita maquiagem, porque eu to ensinando meus filhos e to sendo ensinado por eles também, pelos mais velhos que me ensinaram a reagir às maquiagens, por isso que eu digo que é “tudo verdade” nesse sentido também, não é tudo verdade só na narrativa não, é tudo verdade, até a provocação a um tipo de ação que as letras das músicas vão propagando...

[*Helena*] Deixa eu contar, eu conto, eu conto, é a música que eu me emociono, eu me emociono com todas, mas essa é realmente

que... Que é uma ladainha também, mas que foi transformada. Quando Aluandê nasceu, Joab fez uma ladainha pra ele. O nome da ladainha é “Aluandê”, que é uma ladainha muito profunda. Aluandê foi o oitavo filho [de Joab], mas é o sétimo vivo, que Aluandê é o caçula da gente. Ele nasceu no dia da morte de Mestre Pastinha [enorme e importante mestre de capoeira], que foi o dia 13 de novembro de 2013. E no dia 13 de novembro de 2013, às 11h13 da manhã. E Joab fez essa ladainha quando ele nasceu.

No ano passado, nos primeiros meses da pandemia, que a gente tava bem fechado, eu até brinquei uma vez, acho que foi Cabeça que perguntou: “como é que tá aí?”, aí eu disse: “Quem entra não sai e quem sai não entra [risos]. Aqui tá assim, quem entra não sai e se sair não entra”. E a gente todo dia de tardezinha ia ver o pôr do sol, numa área aqui do sítio que dá pra ver bem bonito assim o pôr do sol. Um dia, no final da tarde assim, o sol começando a se pôr, Aluandê disse: “Vamos, mamãe, vamos, mamãe! Vem, mamãe, vem ver que o pôr do sol já tá nascendo!”. Eu fiz uma poesia falando disso: “Que todo poente também é nascente”, e Joab fez essa música “Pôr-do-sol”, que é uma música a partir dessa fala de Aluandê - “Vem ver o pôr-do-sol que o pôr-do-sol já tá nascendo”!

Vem mamãe, vem ver que o pôr-do-sol já tá nascendo!

[*Joab*] Quando Aluandê diz: “Olha, mamãe, o pôr do sol já tá nascendo”, é a definição maior do fundamento da cobra mordendo o rabo. A cobra mordendo o rabo é o pôr do sol nascendo. Aluandê disse isso de maneira poética... Tem um camarada do Congo, Fu-kiau Busek [Antropólogo e pesquisador da cosmologia africana dos Bantu-Kongo], que fala a mesma coisa... Que a morte não é oposto da vida, não é como a gente aprendeu. O Nêgo Bispo [Antônio Bispo dos Santos, pensador quilombola piauiense, lavrador, poeta, escritor e ativista da causa quilombola] fala a mesma coisa. Quando Nêgo Bispo diz que pro mundo cristão tem o começo, o meio e o fim, e pra nós não... Pra nós é começo, meio e começo de novo, é a cobra mordendo o rabo! Quando Aluandê diz isso, é a cobra mordendo o rabo. Quando Fu-kiau Busek explica pra gente o cosmograma

bakongo, aí é a mesma coisa também, é a cobra mordendo o rabo! Então a cobra mordendo o rabo é toda essa parada aqui, quando o cabôco diz que a cobra tá mordendo o rabo... A gente sabe que a cobra coral tem muito a ver com os cabôcos, veja, a gente tá falando do lado de lá... Do lado de cá é a mesma coisa, é a cobra mordendo o rabo. Aí essa coisa de Aluandê é a melhor definição do que vem a ser essa ideia que a gente canta na música da “cobra mordendo o rabo”.

[Helena] Isso que Joab falou da cobra e do pôr-do-sol que eu falei da música de Aluandê, tem muito a ver com nascimento. Eu sou parteira também, e a gente sempre fala, não só entre as parteiras, mas assim... O que é chamado de religião tradicional ou ancestral acredita nisso: que quem chega é quem já foi. Então uma criança é um ancestral, né? Então todo nascimento é isso: é a cobra que morde o rabo, porque é um ser que antigo que tá chegando, só que ele é novo! Então, ao mesmo tempo que ele é novo, ele é antigo, ao mesmo tempo que é antigo é novo. Assim quando Aluandê, todos eles - toda criança que nasce... Mas como a gente tá falando de Aluandê... Quando eu tava grávida foi justamente quando eu sonhei pegar o meu primeiro bebê que era ele e que foi, porque no parto eu fui a primeira pessoa a tocar a cabeça dele, quando ele tava nascendo, porque ele nasceu muito rápido e não deu tempo de Marcely, que foi a parteira, pegar, e eu toquei na cabeça e depois ele nasceu! Então é isso, tem muita relação com isso também, né? Com todo bebê que chega é um que já foi, todo bebê é ancestral... O futuro é ancestral, né?



mato de comer, mato de curar

Helena Tenderini em conversa coletiva durante imersão em Tracunhaém-Pernambuco, em meio ao projeto COSMONUCLEAÇÃO REGENERATIVA E ENCANTAMENTO, 2022.

As Juremas que são de caminho, de estrada não são boas. Isso são os povos indígenas que falam, e nos terreiros também. Não são boas pra fazer medicina, geralmente a gente escolhe a que tá mais resguardada no mato. Joab plantou muitas plantas aqui nesse caminho, ali embaixo [gesto] tem outro, aí plantou esse Pau-Brasil... Todas as que estão enfileiradas foi Joab que plantou. Aqui ele tinha plantado essa Aroeira e o Pau-Brasil, inclusive acho que tem um Pinhão por aqui também, Pinhão-Roxo, que teve muito a ver com a minha escolha desse local [local de construção da Flor das Águas - Casa de Acolhimento e Cuidado]. Aqui também tem um Pau-D'arco Branco, e a gente escolheu esse espaço justamente entre o Pau-Brasil e o Pau D'arco. Lá [gesto] tem várias Macaíbas também, as Macaíbas são nativas, é outra coisa que se usa medicinalmente. A Macaíba tem muita aqui, e é uma fruta que faz muita vitamina e remédio pra lambedor, para fraqueza, pra quem tá com a imunidade baixa, pra se levantar. O remédio que faz para o olho que eu aprendi com Mãe Jura pra limpar a vista, por exemplo, e várias coisas relacionadas à vista, ao olho, é com o talo da Urtiga Branca com mel. Bate ele [o talo], coa bem coado pra não ficar nada de resquício [da planta], e pinga no olho. Aí não pode ser feito de qualquer jeito, tem toda uma série de orientação que tem que seguir, mas é muito poderoso para os olhos. A raiz da Urtiga Branca é usada para infecções internas, inflamações, para toda parte reprodutiva da mulher.

O Angico, outra planta medicinal poderosa, eu usei muito na pandemia da casca dele. Por isso que ele tá com esse pano vermelho, porque quando eu tirei a casca, depois eu cobri... Muitas árvores são envolvidas com tecido para proteção, no candomblé se usa muito essa prática, ela é sagrada e aí vamos sinalizar e cuidar dela.

Quando eu estava decidindo onde ia ser [a casa Flor das Águas], Malakai disse: “Aqui, mamãe!”, depois Joab: “Tem aqui o Pau-Brasil, o Pau-D’arco”... Aí a gente decidiu fazer nesse lugar. Quando eu falei com meu pai, sobre onde ia ser, ele me perguntou se eu sabia que eles [pai e mãe de Helena] tinham escolhido essa área quando a gente disse que eles poderiam construir aqui no sítio. Eu não lembrava, quando eu disse pra Joab que era aqui, Joab disse a mesma coisa. Foi Malakai que ajudou a escolher, nem é tão longe da entrada do sítio, mas não é tão perto da casa da gente, eu queria que ficasse um pouco reservado...

A gente não tinha muita Aroeira aqui, todas as aroeiras que estão aqui foram plantadas pela gente, antes não tinha, mas é uma planta muito poderosa e que eu uso muito a entrecasca, seja pra cicatrizar no pós-parto, se precisou levar ponto, se teve alguma laceração, seja pra lavar a ferida. É um cicatrizante poderoso e serve para banho de assento. Aroeira é muito usada para cicatrização interna e externa, recentemente eu usei na asa do peru [um dos animais que são acolhidos pelo Sítio Malokambo, e não são para comer, pois a família do Sítio é vegetariana]. Quando a gente viu ele já estava com a asa quebrada, não sabemos como foi, mas ele quebrou. Eu dei três pontos, apliquei Reiki e lavei com Aroeira, não fiz nem a tintura porque eu tinha que usar na hora, fiz o chá, aí esperei esfriar e lavei. Também dois pintinhos bem novinhos caíram na água e quase morreram. Botei eles na camisa e enxuguei, fiquei no sol e aplicando Reiki neles, aí fiz isso duas vezes. A gente só tem que se ligar no Gavião e no Carcará [aves de rapina da região] que de vez em quando vem pegar eles. O Teju a gente já viu que ele comeu um monte de ovo da perua, porque a gente só conseguiu pegar um ovo dela. A perua bota no mato, a galinha bota onde a gente fizer um ninho. Malakai achou só um, e a gente via o Teju de vez em quando de manhã... São animais ligados à nossa energia, ao mestre

ou à mestra da pessoa, e são animais nativos, são bichos daqui. Se você tá nesse lugar que tenha esses animais é muito provável que cheguem no momento que você estiver precisando.

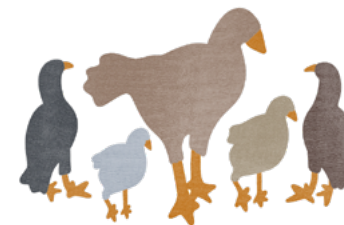
Imburana de Cambão, que é nativa também e aqui no sítio tem muita... A Imburana de Cambão eu aprendi aqui, porque as pessoas vinham muito pra buscar. Tanto a Imburana de Cambão como a Urtiga Branca, que é a Urtiga mais braba [provoca intensas irritações na pele], são plantas que já tinham aqui no sítio quando a gente chegou. Tem muitas... Eu aprendi aqui com a comunidade de Tracunhaém um bocado, as pessoas vinham aqui pedir um pouco de raiz da Urtiga Branca, e eu perguntei pra que serve. Diziam que para inflamação do útero, inflamação interna, pra coisa de mulher, mas que serve também pra homem... Eu fui aprendendo isso, e a Urtiga Branca no meu terreiro também é usada para os olhos. Tem um remédio que eu aprendi a fazer lá com Urtiga Branca e mel, arde que só a bixiga lixa, porque a gente bota no olho. A gente bate e coa bem coado pra não ter nenhum resquício, pra não ficar no olho, e pinga, limpa muito. Eu aprendi na Jurema, eu já usei só o mel também, que aí já é no ayurveda... Se usa muito mel pra várias coisas, só o mel arde muito também! Mas o mel ele tem uma força, ele é muito poderoso, tanto o mel quanto a Urtiga tem aqui no sítio... E começou a chegar a informação de várias coisas medicinais que tem aqui no sítio através da própria comunidade. Apesar de muita gente dizer que “Esse bocado de mato aí não serve pra nada!”, nessas horas serve! (risos). Porque essas coisas só tem porque tem mato, se a gente tira não tem.

Outra coisa é isso aqui, a Cebola Roxa, eu descobri aqui, aqui tem muita. A Cebolinha Roxa que se usa pra fazer lambedor, a Imburana de Cambão. E outra planta que tinha muita aqui no sítio quando a gente veio pra cá, que é uma planta muito significativa pra mim quanto parteira, é o Algodão. O Algodão nasceu na porta da minha cozinha quando eu comecei a fazer esse trabalho aqui na comunidade. Como parteira é o Algodão, e a Aroeira também é muito importante, mas pra mim o Algodão é como se fosse a planta da mulher.

Se usa tudo do Algodão, a raiz, a casca, a folha, a flor, o próprio

Algodão, que é o fruto. Essa Cebola Roxa a gente come também, mas ela é muito forte, se a gente vai usar na cozinha tem que ser muito pouco, porque ela é pra fazer remédio. Ela se faz o lambedor pra várias questões respiratórias. Ela começa a ficar mais forte exatamente nesse período, que é o período que começa a chover, agora no início de ano, todas essas gripes e viroses que atingem nossa respiração, ela é bem poderosa e também aprendi aqui na comunidade. Tem as plantas da horta medicinal que eu comecei a plantar, muita gente vem, leva muda ou pega pra fazer remédio, já que cada vez mais tem menos quintais aqui que tem planta.

Por aqui tá assim: botar cimento, cobrir, ampliar a casa pra fora, aí não tem mais quintal. A gente sabe de poucas pessoas aqui que tem quintal com planta para ser usada. Também acontece isso, a família de Pola tem quintal ainda, quando não tem a planta lá vem aqui, quando eu não tenho eu pergunto se lá tem a planta que eu tô precisando, tem essa troca.



flor das águas

Helena Tenderini desenhando a casa Flor das Águas em conversa coletiva durante imersão em Tracunhaém-Pernambuco, em meio ao projeto COSMONUCLEAÇÃO REGENERATIVA E ENCANTAMENTO, 2022.

SABERES DAS MÃOS

***São muitos os saberes das mãos.
São muitos os saberes das mãos-mulheres***

A casa Flor das Águas é um lugar de cuidar com o que eu batizei de Saberes das Mãos: esses saberes ligados às plantas, à medicina antiga e ancestral de cuidado, ao benzimento e à reza. Saberes das combinações do toque com as folhas, o alimento, a parteria... São muitos os saberes das mãos, são muitos os saberes das mãos-mulheres.

Flor das Águas é casa de cuidados que honra esses saberes ancestrais pela senhora das águas doces que cuida, se adapta, aconchega, acalenta, acalma, lava e cura. Um lugar muito lutado e esperado que será de grande importância para a comunidade do Sítio Malokambo. Um lugar simples e aconchegante, de encontrar, de cuidar, de preparar, de acolher, de escutar, de falar, de trocas.

Para mim, matrigestora dessa casa, Flor das Águas é uma necessidade que traz autonomia dentro do espaço do Sítio, que consolida, que materializa um sonho em lugar especial.

Lugar de pisar descalço e receber da natureza, das mãos fêmeas e dos saberes das ervas os cuidados que nossa gente merece.

Vai ser um laboratório, vai ter prateleira com os equipamentos do laboratório, uma pia grande, são duas pias e uma bancada, vai ter uma maca para atendimento, uma mesinha e uma farmácia, um sofá, a ideia é que não seja muito ocupada, que tenha espaço pra gente sentar no chão quando precisar afastar. A ideia de ser de paredes de vidro é porque era necessário aquela coisa de entrar a natureza, eu me inspirei em Celerino [Celerino Carriconde, médico naturalista largamente conhecido pelo uso das plantas medicinais no nordeste do Brasil], quando painho foi lá uma vez no consultório dele lá no sítio dele, painho disse: “No consultório parece que a gente tá dentro da mata”. Eu queria na verdade que fosse toda aberta mesmo, só que aí eu ficar sem parede pra nada, e temos vários quadros das parteiras que eu quero colocar, eu não ia ter espaço. Aí pensei: vou deixar um pouco mais de parede pra eu ter espaço pra colocar algumas coisas, e as duas janelas vão ter como se fosse uma prateleira, do lado de fora eu vou botar vários jarros de plantas, do lado de lá vou fazer uma horta medicinal. Eu quero uma do lado, e vou transportar de lá debaixo algumas duplicatas de plantas e vou fazer aqui. É arbusto, aí eu quero entrar mais um pouco pra o sol entrar mais, aí vou plantar.

Aqui é a fossa, “sumidouro” que chama... Eu quero cobrir depois, para ser uma área para nosso uso externo, por isso que eu não botei uma janela aqui. O pôr-do-sol é aqui, tem o nascer ali, o nascente aqui, e o poente... Então a sala fica o dia todo iluminada. Joab fez essa trilha que vai até a roda [de capoeira], já com as Espadas de São Jorge. E eu escolhi aqui também porque tem Macaíba, a gente vai plantar banana ali atrás... Aqui vamos deixar a água que vem da pia e do chuveiro, que vai só água e sabão de coco, pra vir pra cá e plantar bananeira. Na frente Malaika vai fazer um mural com desenhos e a parede vai ser toda emassada. Lá embaixo eu quero mostrar, pois tem ladrilho bem bonito que sobrou de uma obra e trouxemos pra cá, coisa nova, não é coisa velha.

ensaio fotográfico

território cabôco
do malokambo



Sto
MICKAELBO

30

8-000-02-02-2010

10/11/11-011









VIVA ZUMBI
PERNAMOKAMBO





























PERNAMOCAMBO















oração que é música

poemas e bordados de
helena tenderini



*Poemas originalmente publicados no blog Kabaça em Flor, de Helena
Tenderini. helenatenderini.blogspot.com*

I.

de oração que é música
fumaça leva
pés que em dança
agradecem
mãos que em calor
recebem
da vida que em festa
em sorriso
só posso ser
grata

II.

Desenhando palavras em seus grossos lábios
Minha mãe me disse
Filha, isto é seu. Porque te dou, porque está em seu coração
Recebi de sua boca o presente das palavras
Poesia em flor
Flor em poema
Ela me ensinou a aprender
Que palavras são desenhos no ar
(o ar que regia seu céu assim como o meu)
Em estrelas que me olham em sonhos
Na noite dos mundos
Seu ar era fogo... e água
Meu ar é água... e aço
Hoje entendo tanto
Do que ela não disse
Respeitosa
Me deixou viver minhas escolhas
Certas erradas
Mas
Minhas

III.

no dia em que morri, eu nasci
me banhei nas águas doces do rio de contas
cada conta daquelas gotas d'água doce
me contaram coisas nos meus ouvidos
bem baixinho
me costuraram
me emaranharam
me embalararam na bolsa
das águas prenhas

e ali fui plantada naquela terra preta
enterrada numa cova
ali eu fui encantada pelo fogo
que temos dentro
da vida
que arde que queima

ali deixei meus cabelos
longos de anos

morri mais uma morte
dentro
das tantas mortes que já vivi
das tantas vidas que já morri
dos ventos que me levaram pro sempre
dos ares que me trouxeram de volta

saí da terra que me engoliu
que me sufocou
e me explodiu
de volta pra mim
pedi minha mãe
me deu a mão

e eu saí
e de novo vi a vida que a morte traz

e o respiro que precisei aprender
porque foi inevitável
sair de dentro
porque é incontrolável

pisar no chão
que é nosso coração próprio
dar os primeiros passos
de novo
como o último primeiro beijo
dado
num amor que se apresenta eterno

no instante que é efêmero
e se esvai por entre os dedos
que por tantas vezes
a gente só consegue sair
entrando lá
dentro
bem no fundo do poço
quando a pele está em carne
viva

IV.

Dos regalos que a terra perfuma nosso caminho.
Flor de maracujá.
Fruta das que mais amo.
De sabor incrivelmente cítrico que combina com tudo que a gente casa.
Tem gente que é assim: sabor forte, presença garantida, na medida exata.
Nem mais nem menos. Sem excessos nem faltas. Com cheiroso gosto de maracujá.
Presente e calmante.
Recebemos muitos maracujás desse pé, que abriu-se novamente em flor mostrando sua feminilidade em aroma pra gente.
Dizendo que este ano a generosidade habita nossa casa de novo.
Fértil e amorosa. Sabor inigualável.
Agradeço. À ela-ele maracujá em flor gente.
A flor... um perfume beijado pelas abelhas felizes em suas pétalas amarelas como a mãe dos rios.
Minha mãe. Que governa o coração apertado nesse mundo às avessas que nossos pés pisam.

V.

ouvi de minhas parteiras que parir é se revirar
nosso corpo mulher precisa ficar (e fica) às avessas
é um se rasgar por dentro por fora
abrir-se para a vida que chega
muitas vezes não é fácil
muitas vezes é muito difícil
(muitas vezes não dá mesmo)
visitar as sombras mais guardadas
até enxergar a luz
é um grande mergulho
um salto necessário no vazio do mundo

eu precisei morrer de mim mesma quatro vezes
pra deixar nascer meus filhos e filha
e cada vez das quatro
renasci uma nova versão de mim
cada toque, carinho, cuidado das tantas mulheres (e alguns homens também)
me tornaram possível
que fosse assim

cada parteira na terra e cada parto em casa
mantém vivos esses momentos
mantém firmes o respeito
ao livre nascer com todo amor e quietude
que esse instante precisa
sou grata a cada pessoa que mergulhou profundo comigo
nos meus momentos
e que minhas mãos estejam sempre à serviço da vida
onde pisarem meus pés

VI.

enxuguei meu sangue
chorado no chão
limpei todo derramado
que saiu de mim
peguei o pano
e sequei cada gota
pingada dos meus cílios
em promessa de nunca mais
morrer tão grande
como nesse vermelho

dentes trincados
em fúria
olhos molhados em lâmina
corte espada
guiada
avistei o caminho
e o brilho púrpura pulou
daquele molhado
manchando o piso dos meus pés

e um sussuro
pra meu próprio ouvido
saber da minha boca
nunca mais ninguém
me morrerá assim
tanto de dor gigante
porque do meu peito
só sai agora decreto
de felicidade
em água
que lava leva limpa abençoa

VII.

Longo respiro
Semente germina
Da barriguda mãe árvore filha
Que, ventre semente fruto,
Todos são ao mesmo tempo
Ali dentro
Cá pra fora
Tão verde algodão branco folha
Grita em nosso olhar
Gira que continua
Roda sem cessar
Kalunga do mundo
Cada passo no pisar







referências

ALENCAR, Rívia Ryker Bandeira de (Org.). *Salvaguarda de bens registrados: patrimônio cultural do Brasil: apoio e fomento / coordenação e organização*. Brasília: IPHAN, 2017.

BONET, Octavio. Itinerâncias e malhas para pensar os itinerários de cuidado. A propósito de Tim Ingold. *Sociol. Antropol.* [online]. 2014, vol.4, n.2, pp.327-350.

CARVALHO, Ana (Org.). *Caderno de plantas e ervas medicinais das mulheres da Zona da Mata Norte*. Ed. Chã, 2021. Disponível em http://selvagemiciclo.com.br/wp-content/uploads/2021/08/PLANTAS-MEDICINAIS-DAS-MULHERES-DA-ZONA-DA-MATA-NORTE_caderno.pdf

DAS, Veena. *Affliction: health, disease, poverty*. New York: Fordham University Press, 256 pp, 2015.

DESPRET, Vinciane. O que diriam os animais se...1. *Caderno de leituras* n.45. 2016.

FEDERICI, Silvia. *Reencantando o mundo: feminismo e a política dos comuns / Silvia Federici; tradução de Coletivo Sycorax* - São Paulo: Elefante, 2022.

INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. São Paulo: Vozes, 2017.

MENENDEZ, Eduardo L. Modelos de atención de los padecimientos: de exclusiones teóricas y articulaciones prácticas. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 8 (1), 2003. p. 185-207.

_____. *Sujeitos, Saberes e Estruturas: uma introdução ao enfoque relacional no estudo da saúde coletiva*. São Paulo: Ed. HUCITEC, 200.

PINHEIRO, Marília Nepomuceno. SABER DA CAATINGA: O encontro e o desejo coletivo de salvaguardar saberes (Artigo). In: *Coletiva - Diversidade Socioambiental*. n° 19. Publicado em 29 março 2022. Disponível em: <https://www.coletiva.org/diversidade-socioambiental-n19-saber-caatinga-o-encontro-e-o-desejo-coletivo-marilia-nepomuceno>. ISSN 2179-1287.

PINHEIRO, Marília Nepomuceno. De Volta para Casa: uma etnobiografia de Dona Lica Xukuru. In: *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, Ano 25, 32(2): 339-350, 2021.

PIRES, Maria Jaidene; NEVES, Rita de Cássia Maria; FIALHO, Vânia. Saberes Tradicionais e Biomedicina: reflexões a partir da experiência dos Xukuru do Ororubá, PE. *Revista Antropológicas*, v. 27, n. 2, 2016.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista estudos históricos*, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

créditos

cosmonucleação regenerativa e encantamento no manejo de territórios tradicionais em pernambuco

realização

Chã - Coletiva da Terra

coordenação geral e técnica

Marília Nepomuceno

coordenação GRRIPP

Belen Desmasion

Clara Soto Aryas

Damaris Herrera Salazar

Louisa Acciari

Luis Henrique Valeriano

Maureen Fordham

Pablo Vega Centeno

produção

Ana Carvalho

Bella Xukuru

Clara Soto Aryas

Edite Sousa

Fabício Brugnago

Fernanda Lermen

Giuseppe Bandeira
Helena Tenderini
Iran Neves Ordônio Xukuru
Mariana Sobral
Maria Silvanete Benedito de Sousa Lermen
Marília Nepomuceno

articulação territorial

Bella Xukuru
Edite Sousa
Fabrício Brugnago
Fernanda de Sousa Lermen
Helena Tenderini
Iran Neves Ordônio Xukuru
Jeferson de Sousa Lermen
Maria Silvanete Benedito de Sousa Lermen
Pedro de Sousa Lermen
Vilmar Luiz Lermen

coordenação territorial

Helena Tenderini
Iran Neves Ordônio Xukuru
Maria Silvanete Benedito de Sousa Lermen

assessoria de imprensa

Giuseppe Bandeira

fomento

Prêmio UKRI Collective Fund 'Gender Responsive Resilience and Intersectionality in Policy and Practice (GRRIPP) - Networking Plus Partnering for Resilience' é financiado pelo Global Challenges Research Fund

apoio

Associação Kapi'wara Agroecologia Urbana
Agência Motyrõ

parceria

Instituto Abdalaziz de Moura (IAM)
Agrodóia - Associação de Agricultoras(es) Familiares da Serra dos Paus Dóias
Caxo Xukuru - Coletivo Caxo da Boa Vista
Sítio Malokambo

flor das águas - casa de acolhimento, cuidado e cura | laboratório de fitoelaborados

desenho

Helena Tenderini

consultoria, projeto arquitetônico e construção

Qualitá Construções e Serviços

o caderno

saberes das mãos - parteiras, plantas, capoeiras

coordenação editorial

Marília Nepomuceno

organização

Ana Carvalho
Giuseppe Bandeira
Helena Tenderini
Mariana Sobral
Marília Nepomuceno

articuladora territorial

Helena Tenderini

pesquisa em campo

Ana Carvalho

Helena Tenderini
Mariana Sobral
Marília Nepomuceno

narradoras/es protagonistas

Helena Tenderini
Joab Jó Malungo Jundiá
Malaika Oniilari Tenderini
Vitória Régia Andrade

sistematização, redação e edição

Ana Carvalho
Giuseppe Bandeira
Helena Tenderini
Marília Nepomuceno

a partir dos depoimentos de

Helena Tenderini
Joab Jó Malungo Jundiá
Malaika Oniilari Tenderini
Vitória Régia Andrade

interlúdio

Vânia Fialho

fotografias

Ana Carvalho
Marília Nepomuceno
Helena Tenderini (bordados)

ilustrações

Mariana Sobral

poemas e bordados

Helena Tenderini

revisão de texto

Ana Carvalho
Helena Tenderini
Marília Nepomuceno

projeto gráfico e diagramação

Ana Carvalho

transcrições

Diego Vinicius

agradecimentos

Luigi Tenderini
Anaê Tenderini
Mãe Juraci
Makambi
Malaika
Malakai
Aluandê

Índices para catálogo sistemático:

Projeto Cosmonucleação Regenerativa e Encantamento no Manejo de Territórios Tradicionais em Pernambuco CDD

Chã - Coletiva da Terra estimula a livre circulação deste texto. No caso de sua reprodução total ou parcial, sempre que for necessária, solicitamos que o documento “Cosmonucleação Regenerativa e Encantamento no Manejo de Territórios Tradicionais em Pernambuco - Caderno 03: “Saberes das mãos - parteiras, plantas, capoeiras” seja citado como fonte.

Saberes das mãos - parteiras, plantas, capoeiras - Caderno 03 [livro eletrônico] :
Cosmonucleação Regenerativa e Encantamento no Manejo de Territórios Tradicionais em Pernambuco /
[Ana Carvalho, Giuseppe Bandeira, Helena Tenderini, Mariana Sobral, Marília Nepomuceno Pinheiro;
ilustrações Mariana Sobral]. - - Pernambuco: Chã, 2022.
PDF

ISBN

1. Cosmonucleação 2. Regeneração 3. Saberes das mãos - parteiras, plantas, capoeiras 4. Projeto “Cosmonucleação Regenerativa e Encantamento no Manejo de Territórios Tradicionais em Pernambuco” I. Bandeira, Giuseppe. II. Carvalho, Ana. III. Pinheiro, Marília Nepomuceno. IV. Sobral, Mariana. V. Tenderini, Helena.
I. Editora Chã (Brasil). II. Título.

CDD



Fomento



Realização



Apoio



Parceria



